nau laboratório do núcleo de antropologia urbana da usp

FAPESP

PRCEU pró-reitoria de cultura e extensão universitária

USP

NOSSA ALDEIA, NOSSA HISTÓRIA, NOSSA GENTE

CARTILHA PARADIDÁTICA

Narradores

Agripino de Oliveira, Lúcio Ferreira Menezes, Maria Estevan Ferreira de Souza, Waldemar de Souza, Maria Cleusa de Oliveira, Nadir Cabral, Helito Barbosa, Rosa Cabral Neta, Luis Calixto, Areli Cabral da Costa, Ajurimar Vieira de Araújo, João Ferreira de Souza, Amado Menezes Filho, Marilúcia de Souza Menezes, José Nizomar Miquiles de Oliveira, Elzon Carvalho da Costa, Elson Ney Vieira da Costa, Edmilson Carvalho da Silva e Edmilson Carvalho da Silva Filho.

Equipe de Pesquisa

José Agnello Alves Dias de Andrade; Ana Letícia de Fiori, Ana Luisa Sertã Almada Mauro, Marielli Bimbatti Mazzochi, José Guilherme Cantor Magnani.

Arte da Capa, Projeto Gráfico e Editoração:

Deborah Horiuchi

Ilustração

Jong Yun Chi

Croqui

Elaine Moraes de Albuquerque

Revisão

Ivo Cantor Magnani, Ana Luisa Sertã Almada Mauro

Organização e Edição

José Agnello Alves Dias de Andrade

Organização e Tratamento de Imagens

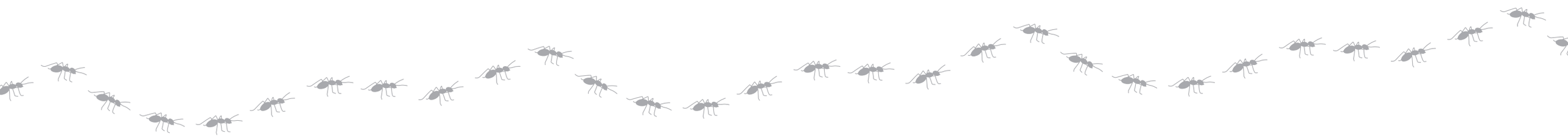
Ana Luisa Sertã Almada Mauro

Apoio

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (LabNAU-USP), Escola Municipal Profa. Rosa Cabral, Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (PRCEU-USP)

Ano de Realização

2016



NOSSA ALDEIA, NOSSA HISTÓRIA, NOSSA GENTE

SUMÁRIO

01. A que se destina este material? **05**

02. Como este material foi elaborado? **06**

03. Como este material pode ser útil? Conversando entre professores. **07**

04. Alguns dados sobre a aldeia de Ponta Alegre. **13**

05. Localizando a aldeia no mapa. **19**

06. Como a aldeia começou? **21**

07. Escolhendo um tuxaua. **25**

08. Fotos da aldeia de Ponta Alegre **28**

09. Desenho da vista da aldeia de Ponta Alegre. **33**

10. Qual será o nome da aldeia? **36**

11. E Ponta Alegre foi crescendo! **39**

12. A vida da comunidade e a vida em comunidade – Plano de retrato da comunidade feito pelos alunos. **46**

1. A QUE SE DESTINA ESTE MATERIAL?

Esta cartilha foi idealizada como um material de suporte a ser utilizado pelos professores da Escola Municipal Professora Rosa Cabral, da aldeia de Ponta Alegre. O seu conteúdo é composto de informações sobre Ponta Alegre, com atenção especial às histórias que seus habitantes contam sobre a formação do povoado e as transformações pelas quais a comunidade passou até adquirir a sua atual configuração.

Para os habitantes de Ponta Alegre, lembrar e contar as histórias de como a aldeia se formou e foi se transformando é também falar sobre a importância desta ponta de belas praias em suas vidas. Contar a história da aldeia é contar as histórias de vida de seus vários habitantes. Viver em Ponta Alegre é viver em comunidade com os parentes; e é com respeito à história dos parentes do passado que se pode construir um bom futuro para aqueles jovens que vão dar continuidade à história da aldeia.

Tal como é apresentada pelos narradores que compartilharam um pouco de suas memórias sobre o local, a história de Ponta Alegre mostra que a construção da vida em comunidade em uma aldeia é um trabalho compartilhado. Cada um de seus habitantes contribui para a sua construção, desde os velhos que já se foram e vivem agora nas lembranças de todos, até as crianças que enchem de risadas as suas ruas e colorem o céu com seus papagaios coloridos.

Esta cartilha serve ao propósito de incentivar a complementação do currículo escolar regular com alguns conteúdos que não são comumente abordados em sala de aula. Nesta cartilha encontram-se resumidos trechos da história da aldeia de Ponta Alegre contados por vários de seus habitantes acompanhados de sugestões de atividades didáticas a serem realizadas por alunos de diferentes idades.

Assim, este material procura valorizar o conhecimento daqueles que nem sempre são lembrados nos livros didáticos. As atividades didáticas aqui propostas foram pensadas para instigar nos alunos a curiosidade de buscar aprender com seus parentes desenvolvendo processos próprios de aprendizagem fora de sala de aula. Incentivar os alunos a procurar seus familiares para ouvir as histórias que eles têm para contar é também uma forma de valorizar o conhecimento daqueles que já viveram muito, andaram por aí, e tem muitas coisas a compartilhar. A intenção desta cartilha é oferecer sugestões para o fortalecimento de formas de aprendizado que incentivem a aproximação entre seus habitantes mais jovens e os homens e mulheres mais experientes da aldeia.

Mas esse material é, acima de tudo, uma homenagem a todas as famílias que ajudaram a fazer de Ponta Alegre o que ela é hoje. A história da aldeia de Ponta Alegre é, na verdade, como um belo teçume. A vida de cada habitante é como a palha que vai sendo trançada com calma e habilidade, dia após dia. A beleza do desenho nunca poderia ter sido feita só com uma palha. O trançado vai ficando cada vez maior e mais bonito com o passar do tempo, quando cada vez mais vidas vão se entremeando e fazendo a sua história.

2. COMO ESTE MATERIAL FOI ELABORADO?

Esta cartilha foi construída por uma parceria entre os pesquisadores do Grupo de Etnologia Urbana do Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo e os moradores da aldeia de Ponta Alegre.

Durante os meses de setembro e outubro de 2014 foi realizada uma série de conversas com moradores da aldeia, indicados principalmente pelos professores indígenas da escola Rosa Cabral. A escolha dos entrevistados, por indicação dos professores, foi feita de modo que aquelas famílias que vivem há muito tempo na comunidade pudessem compartilhar um pouco de suas memórias sobre o local.

Nestas conversas, os entrevistados narravam lembranças sobre suas raízes. Contavam sobre como seus parentes chegaram à aldeia e como foi que ajudaram a construir o povoamento em seu início. Suas lembranças descreviam como era a aldeia muitos anos atrás, como ela foi crescendo à medida que mais e mais famílias chegavam, construíam suas casas, plantavam

suas roças, realizavam festas na comunidade, partiam em expedições de caça, retirando da mata os produtos da floresta e, com o passar dos anos, foram casando entre si, formando uma grande parentagem.

Estas histórias narradas aos entrevistadores foram então organizadas para serem guardadas neste material. As lembranças de cada um desses narradores são muito ricas e não seria possível recontar no espaço de uma cartilha todos os lindos detalhes dessas histórias tão importantes. Além disso, não foi possível conversar com todos os moradores da aldeia que mereciam ser ouvidos.

Sabendo destas limitações, esta cartilha organiza e torna disponível para consulta apenas uma parcela das tantas lembranças sobre a aldeia de Ponta Alegre e convida todos a continuar o puxirum desta organização da memória. Os trechos que se encontram aqui servem de exemplo para chamar a atenção dos leitores à vastidão do conhecimento que cada pessoa guarda dentro de si.

Foi pensando na riqueza das memórias dos moradores da aldeia que as atividades didáticas aqui sugeridas foram formuladas. As atividades procuram fazer dos alunos os narradores de sua própria história, buscando escutar de seus familiares de onde vieram, por quais lugares passaram, com o que trabalharam e como chegaram a viver em Ponta Alegre. De volta ao espaço da sala de aula, os alunos podem compartilhar também aquilo que escutaram, exercitando a sua própria narrativa sobre sua história, tornando-se, portanto, mais um de seus autores.

3. COMO ESTE MATERIAL PODE SER ÚTIL? CONVERSANDO ENTRE PROFESSORES.

"É realmente uma riqueza que todos velho tem na sua memória, vale mais que ouro! Como uma biblioteca que não se pode ler, mas só pode ser contado!"

João Ferreira de Souza

Este primeiro contato com o material didático aqui apresentado sugere alguns assuntos a serem discutidos entre os professores que pretendem fazer uso dele em sala de aula. A sugestão é que os próprios professores se reúnam após a leitura da cartilha para discussão de alguns temas importantes para o planejamento do uso deste material de apoio em sua escola. Grande parte do conteúdo desta cartilha vem acompanhado de sugestões de atividades a serem realizadas pelos alunos pois, principalmente, busca-se incentivar a ampliação de espaços de encontro entre alunos e moradores da aldeia de Ponta Alegre onde a prática da transmissão de conhecimentos por meio do uso da fala seja estimulada. Ou seja, o principal objetivo da utilização deste material é o incentivo à ampliação do espaço da oralidade como forma de construção e transmissão de conhecimentos.

Primeiramente, algumas perguntas podem ser colocadas pelos professores para debate entre si:

De qual conhecimento estamos falando ao pensar a oralidade como seu principal modo de criação, transmissão e renovação?

É muito comum ouvir falar sobre os desafios que as populações tradicionais enfrentam em manter viva a sua própria cultura. Um dos problemas sempre mencionados seria uma falta de disposição dos jovens a respeitar, escutar e valorizar a palavra dos mais velhos que, por sua vez, não encontram espaços em que se sintam à vontade para poder compartilhar aquilo que sabem.

É comum que se diga também que os velhos e velhas, os anciãos, são como uma vasta "biblioteca". Cada umas das histórias que guardam na memória são como "livros", arquivados em suas mentes. Apesar dessa comparação mais que verdadeira, que afirma que anciãos e livros são fonte de conhecimento, algumas diferenças entre eles são importantes de serem lembradas. A diferença que mais nos importa ressaltar aqui é que os livros podem ser copiados, xerocados, multiplicados e espalhados. Além disso, o conteúdo de um livro, depois de escrito, permanece parado – a cada nova leitura, tudo aquilo que estava escrito da primeira vez continuará lá da mesma forma.

Diferentemente, com as “bibliotecas vivas”, que são as memórias dos mais velhos, tudo se passa de outra forma. Seu conhecimento não pode ser separado da pessoa dos anciãos mesmos, quando um deles falece sem transmitir para alguém aquilo que sabia suas memórias podem vir a desaparecer. Para se aprender com eles é necessário estar junto deles, conversar com eles e ouvir atentamente suas histórias mais de uma vez para que, então, elas possam ficar guardadas na memória dos mais jovens.

O mais importante de tudo isso é que a transmissão do conhecimento que os anciãos guardam em si depende do laço que existe entre as pessoas. De certa forma, estar junto dos mais velhos, de seus parentes que já viveram muito e conhecem tantas histórias sobre o mundo é o que faz deles tão sábios, conhecedores de tantos segredos. Portanto, para que a cultura de um povo se mantenha sempre viva, é preciso saber escutar suas boas palavras.

Outra diferença importante entre o conhecimento que está nos livros e o conhecimento dos anciões é que eles nunca contam uma história duas vezes da mesma maneira. Além do fato de que duas pessoas sempre sabem de detalhes diferentes das histórias e sabem de histórias diferentes entre si, a cada conversa novas informações surgem preenchendo de detalhes o conteúdo daquilo que é contado. São esses detalhes que dão o sabor especial aos conhecimentos locais de cada comunidade, de cada família e de cada povo. São esses detalhes que fazem de cada um dos mais velhos tão únicos e especiais.

Qual pode ser o papel da escola, dos seus professores e do espaço da sala de aula, na valorização desta forma de conhecimento que se encontra nas “bibliotecas vivas” que são as memórias dos velhos e velhas da comunidade?

As escolas são instituições muito poderosas. Em muito lugares, como em Ponta Alegre, é impossível pensar a educação e formação dos jovens sem considerar os conhecimentos que ela transmite aos seus alunos. Hoje em dia, a chamada interculturalidade é a palavra-chave nas práticas de ensino nas escolas em aldeias e comunidades com imenso repertório cultural tradicional, como é o caso do povo Sateré-Mawé.

Como se sabe, as coisas nem sempre foram assim. Notavelmente, a política educacional para os povos indígenas no Brasil desde os seus primórdios levava em conta apenas o fortalecimento daquele conhecimento chamado de “universal”, ou “ocidental”, desprezando os conhecimentos e os conhecedores dos locais onde a escola estava situada. Esse quadro mudou muito desde a Constituição Federal de 1988, na qual o respeito aos chamados “processos próprios de aprendizagem” se tornou a linha oficial para guiar a formatação das escolas indígenas.

Em Ponta Alegre, certamente, muito se caminhou neste sentido. A interculturalidade é uma meta importante ao se buscar utilizar a escola indígena como uma ferramenta para se alcançar a educação que se sonha para o povo Sateré-Mawé. Por meio da formação que a escola oferece se fortalece o objetivo de formar indígenas Sateré-Mawé como biólogos, historiadores, advogados, enfermeiros, médicos e muitos outros. O ensino é uma arma fundamental no fortalecimento da luta dos Sateré-Mawé pelos seus direitos garantidos na Constituição Federal.

O papel da escola e dos professores indígenas, entretanto, não se esgota aí. Eles têm a difícil missão de preparar os alunos a ocuparem espaços que sempre foram fechados aos indígenas e, ao mesmo tempo, valorizar aquele conhecimento produzido localmente em cada aldeia onde a escola está localizada.

No caso de Ponta Alegre este conhecimento está em toda parte. Nos caçadores, pescadores, agricultores, curadores, lideranças, artesãos e artesãs e nos anciãos e anciãs que reúnem em si um vasto conhecimento sobre o mundo. A escola e seus professores podem assumir para si também a missão de incentivar os seus alunos a aprender esses conhecimentos.

Esta cartilha é, portanto, uma sugestão de atividades justamente para isso. Cada uma das atividades didáticas sugeridas foi pensada de forma a estimular a circulação dos alunos para além da sala de aula, buscando fortalecer formas de aprendizagem que estão além da relação entre professores e alunos.

SUGESTÕES PARA ATIVIDADES DA OFICINA DE PROFESSORES

OBJETIVOS – Convidar os professores indígenas a refletir em conjunto sobre as possibilidades que a cartilha sugere para o programa escolar. Debater sobre como a escola pode auxiliar na valorização da cultura tradicional Sateré-Mawé e sobre as diferenças entre os conhecimentos escolares e o conhecimento dos anciãos.

RODA DE CONVERSA – Partindo do texto acima e da experiência que cada professor adquiriu durante sua formação e prática em sala de aula, refletir em conjunto sobre as seguintes questões:

1. Quais são os principais impactos positivos que a Escola Municipal Profa. Rosa Cabral trouxe à comunidade de Ponta Alegre?

2. O ensino escolar traz somente benefícios ou ele implica também em riscos para os conhecimentos tradicionais? É possível citar impactos negativos que a escola poderia trazer para a comunidade?

3. Para além daqueles conteúdos ensinados na escola, existem outros conhecimentos que são importantes de serem aprendidos pelos jovens da comunidade? Se sim, quais são eles? E como eles podem ser aprendidos pelos alunos?

4. Os professores acreditam que a escola deve se envolver ativamente na aprendizagem dos alunos em contextos para além da sala de aula? Se sim, quais seriam os melhores momentos na vida da comunidade para que os alunos aprendessem esses conteúdos?

5. Quais são os principais conhecimentos que os professores se recordam de terem aprendido com seus parentes mais próximos?

REFLETINDO SOBRE OS USOS DESTA CARTILHA – O conteúdo desta cartilha segue apresentando várias pequenas lições que podem ser utilizadas de forma livre pelos professores em sala de aula. Cada um dos professores, após leitura do conteúdo da cartilha e suas sugestões de atividades, pode opinar sobre os trechos que considera poder utilizar em sala de aula dando sugestões de como utilizá-la.

4. ALGUNS DADOS SOBRE A ALDEIA DE PONTA ALEGRE.

A povoação que deu origem à aldeia de Ponta Alegre se formou aproximadamente no início do século XX. O local foi habitado por indígenas Sateré-Mawé que vieram de aldeias no curso alto do rio Andirá, conhecido como Andirá Velho.

Seus primeiros habitantes decidiram deslocar-se do alto para o baixo Andirá procurando aproveitar a abundância de animais de caça e de pesca que existia próxima do povoamento. As redondezas da ponta de praia que depois veio a se chamar Ponta Alegre também era conhecida pela presença de produtos da floresta de grande interesse para comerciantes não indígenas que circulavam pela região.

A relação com não indígenas sempre foi um elemento importante na construção da aldeia de Ponta Alegre. Os patrões, como são chamados, empregavam trabalhadores indígenas para retirar das matas do rio Andirá produtos como pau-rosa, castanha, madeira-de-lei e cipó. Comerciantes não indígenas também compravam dos indígenas a produção de suas roças e plantações, principalmente guaraná e farinha.

Por estar situada no curso baixo do rio, a localidade se estabeleceu como um importante ponto de comércio entre indígenas e não indígenas. Lá, indígenas dos cursos alto e médio do Andirá podiam chegar com mais facilidade para vender sua produção, assim como os próprios comerciantes tinham acesso facilitado ao local.

A presença constante de não indígenas no local fez com que Ponta Alegre se conformasse como uma aldeia diferenciada. Famílias não indígenas estão presentes na vida cotidiana da comunidade desde a fundação do povoamento. Ao longo de décadas de convivência, as famílias de indígenas e não indígenas foram casando-se entre si, entremeando suas histórias naquele local.

A aldeia de Ponta Alegre está situada no baixo Andirá. De suas margens é possível observar todas as embarcações que entram e saem do rio Andirá, o que torna o local um importante ponto de vigilância da circulação pelo território Sateré-Mawé.

Foi por essa posição geográfica que a aldeia foi escolhida para abrigar a delegacia do Serviço de Proteção aos Índios em 1947. Conta-se que os então funcionários do órgão indigenista incentivaram a expansão de redes comerciais que possibilitavam o acesso a bens industrializados por parte dos indígenas da região. Com o passar dos anos alguns destes funcionários construíram uma história de relações de casamento com mulheres Sateré-Mawé.

A presença dos funcionários do Serviço de Proteção aos Índios na época tinha como objetivo inserir os indígenas no mercado de trabalho e consumo regional. Foi por sua atuação que ocorreram deslocamentos de indígenas para localidades rio abaixo, de mais fácil acesso à circulação de mercadorias vindas de fora e da distribuição dos produtos da roça e da floresta dos indígenas para as cidades.

Este processo se intensifica após a extinção do Serviço de Proteção aos Índios no ano de 1967 e a posterior criação da Fundação Nacional do Índio em dezembro do mesmo ano. Somado a este esforço do governo brasileiro há a criação de um Posto Indígena na aldeia de Ponta Alegre e, em Parintins, instala-se uma delegacia da FUNAI. Recentemente, o Posto e a Regional da FUNAI foram desativados, permanecendo apenas uma Coordenação Técnica da FUNAI localizada em Parintins.

Atualmente cerca de quinhentas famílias habitam a aldeia. O número de moradores presentes na comunidade varia muito, como é característico do modo de vida dos Sateré-Mawé que têm casas em diferentes locais , onde podem passar parte de seu tempo.

No caso de Ponta Alegre, muitas das famílias que vivem na comunidade também possuem casas em cidades como Barreirinha-AM, Parintins-AM e até mesmo Manaus-AM. Dependendo das condições de vida, das oportunidades de emprego e do desenvolvimento escolar dos jovens da comunidade, muitos optam por passar parte dos meses do ano em suas casas na cidade.

Não é apenas na cidade que os moradores de Ponta Alegre transitam. Muitas famílias têm o costume de habitar em seus sítios e cozinhas, onde mantêm a produção de suas roças, ainda tendo a opção de morar na sede da aldeia. Algumas dessas famílias optam por ir e voltar constantemente entre seus diferentes locais de moradia, principalmente devido à frequência dos mais jovens na escola e colégio da aldeia de Ponta alegre.

A aldeia de Ponta Alegre conta com outros atrativos para os seus moradores, como o fornecimento de energia elétrica por meio de um motor movido a diesel que atende quase a totalidade das casas da comunidade. Além disso, um poço artesiano com bomba movida a motor diesel abastece por um sistema de encanamentos parte considerável da aldeia.

Hoje em dia, a aldeia de Ponta Alegre conta com cerca de 126 casas, distribuídas em três setores/bairros diferentes. O setor 1 da aldeia fica localizado mais ao fundo da comunidade, afastado da margem do rio Andirá. Lá moram parte da família Araújo, Vieira, Carvalho, Ferreira de Souza, Reis e outros. Os moradores do Setor 1, orientados pelo seu coordenador, organizaram mutirões para a abertura da rua Araújo e a construção de duas pontes que facilitam o acesso dos moradores por trechos que durante o período de cheia permanecem alagados.

O Setor 2 fica na parte da frente da comunidade, voltado para a margem do rio Andirá. Nele mora parte da família Ferreira de Souza, Menezes, Carvalho, Oliveira, Pereira e outros. Este setor fica na porção da ilha de ocupação mais antiga da comunidade, onde seus primeiros moradores se instalaram. Por sua localização em frente ao rio, é o setor que conta com mais arruamentos e calçamento. Os nomes de suas ruas e travessas homenageiam alguns dos moradores mais antigos, como rua Etelvino Miquiles, rua Antônio Alexandre de Carvalho e travessa Benjamim Miquiles.

O Setor 3 de Ponta Alegre teve suas ruas abertas pelos seus próprios moradores. Parte do setor fica localizado na região frontal da comunidade, com ruas com calçamento e postes de iluminação e energia. O setor vai se prolongando em direção ao fundo da comunidade e continua em crescimento, recebendo mais e mais famílias que decidem morar em Ponta Alegre. Neste setor moram familiares dos Barbosa, Calixto, Pereira dos Santos, Lima, Lopes, Menezes e Cabral, entre outras.

Cada setor possui um coordenador próprio, ao mesmo tempo em que a aldeia possui um tuxaua e um presidente distrital. As lideranças da aldeia, incluindo os coordenadores dos setores, têm a função de coordenar a abertura de novas ruas, a limpeza dos caminhos, colocação de postes e iluminação, coleta do lixo e construção de pontes, entre outras responsabilidades.

***

A aldeia de Ponta Alegre conta com vários equipamentos que seus moradores consideram importantes para sua qualidade de vida. Além do poço que fornece água encanada para 75% das casas e do gerador de energia que abastece praticamente a todos, há também um mini-hospital, batizado de Francelino Gregório de Souza, que por muitos anos foi Capitão do rio Andirá e cujos descendentes até hoje vivem na localidade.

Outro equipamento importante é a escola municipal Profa. Rosa Cabral, uma homenagem à não indígena que foi uma das primeiras a lecionar para as crianças de Ponta Alegre. Até o ano de 2016 o colégio estadual da aldeia funcionava no prédio da escola municipal, mas um largo terreno ao fundo do setor 3 da comunidade estava sendo preparado para receber o prédio do colégio.

Em levantamento realizado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena no ano de 2012 na aldeia de Ponta Alegre, é possível ter um perfil das escolhas de materiais de construção das casas da comunidade, fornecimento de água encanada e de energia elétrica, além de outros dados.

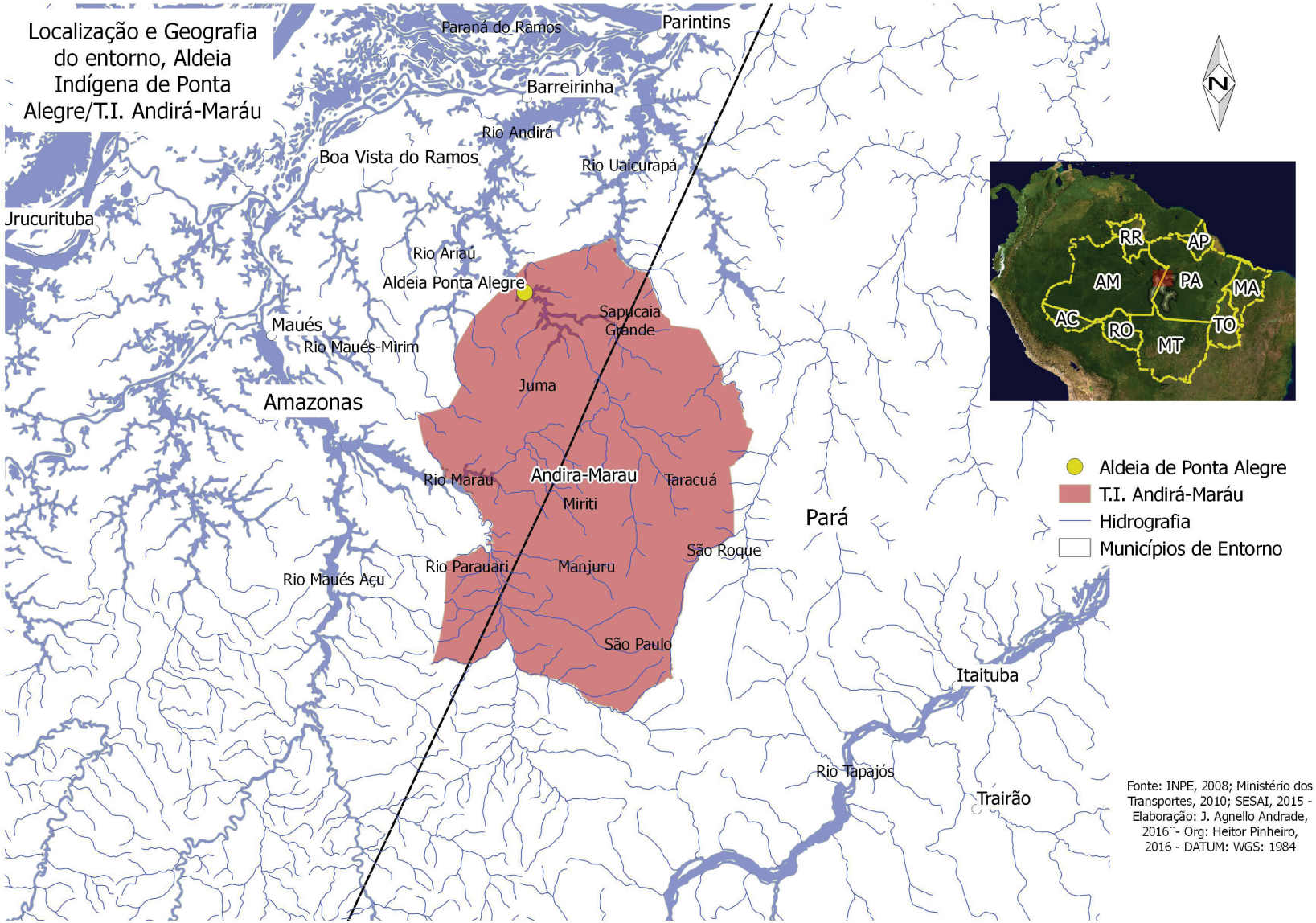
A maioria das casas da aldeia (31,03%) é construída com paredes de madeira, piso de madeira e cobertura de fibrocimento. O fibrocimento é o material preferido para a cobertura das casas devido à sua grande durabilidade. Outra grande parcela (25,86%) possui paredes de madeira, piso cimentado e cobertura de fibrocimento. A madeira continua sendo o material preferido para a construção das paredes e dos esteios das casas.

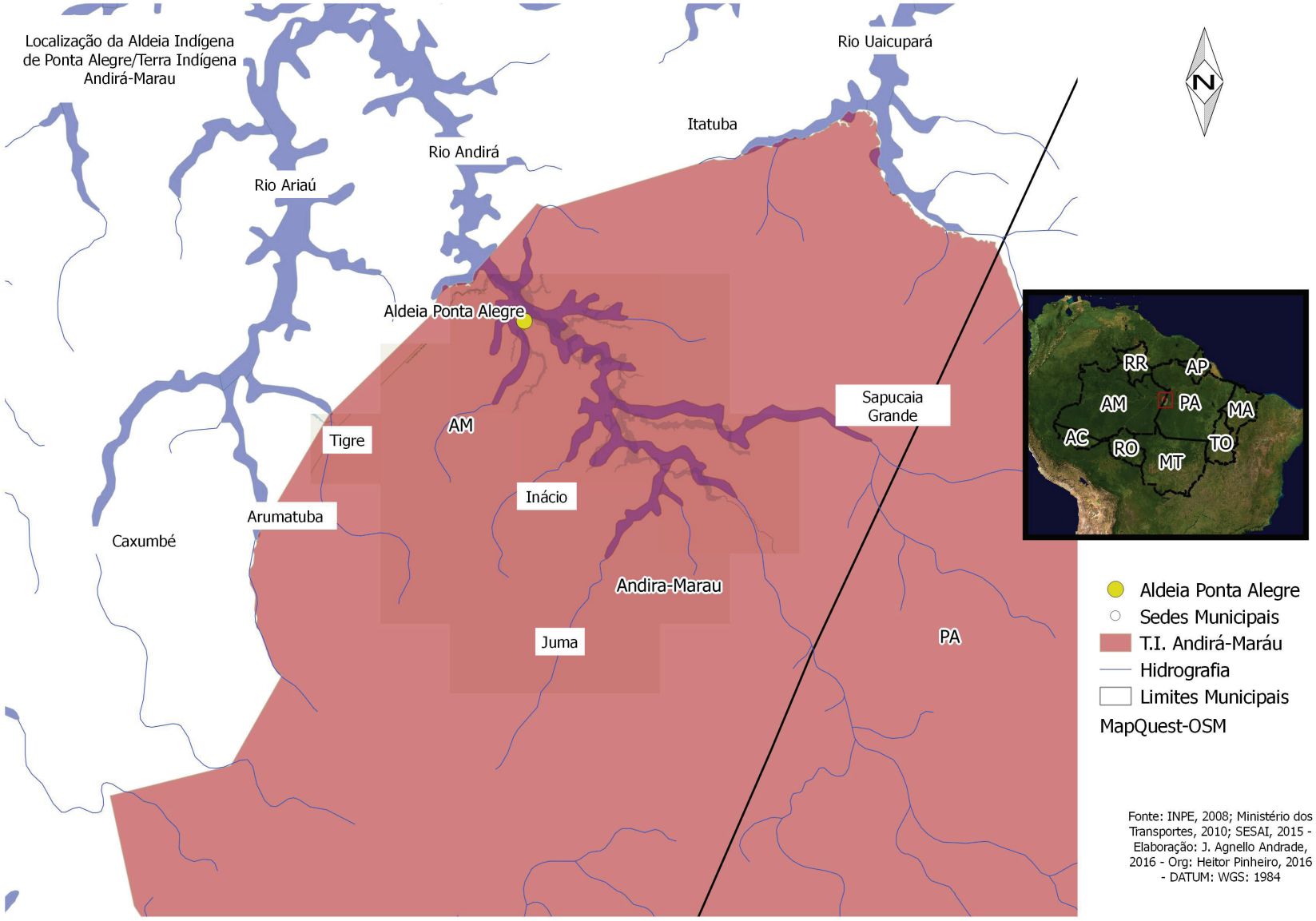
Apenas 10,34% das casas da comunidade mantêm um padrão de construção que utiliza apenas materiais encontrados nas cercanias da aldeia: palha ou taipa para as paredes, piso de chão batido e cobertura de palha. A maioria das casas construídas com estes materiais se localiza no Setor 1 da comunidade.

O resto das habitações da aldeia apresenta uma variada combinação de materiais de construção, como paredes de madeira, piso de madeira e cobertura de palha, (6,89%); paredes de madeira, piso de chão batido, e cobertura de fibrocimento (6,89%); paredes de alvenaria e tijolos, piso cimentado e cobertura de fibrocimento (6,89%); paredes de madeira, piso cimentado e cobertura de palha (3,44%); paredes de taipa e palha, piso de chão batido e cobertura de fibrocimento (3,44%).

Metade de todas as casas possui 2 cômodos (48,27%), e cerca de 30% apenas 1 cômodo. 20% das casas possuem 3 cômodos e apenas 3% 4 cômodos. Do total dessas casas, cerca de 77% são abastecidas por água encanada do poço da comunidade. Animais de criação também são comuns em Ponta Alegre, principalmente porcos e galinhas, criados soltos em mais de metade das habitações da aldeia. Nos quintais também são criados cachorros e gatos que costumam perambular pelas ruas da aldeia.

5. LOCALIZANDO A ALDEIA NO MAPA.





Fonte: INPE, 2008; Ministério dos Transportes, 2010; SESAI, 2015 - Elaboração: J. Agnello Andrade, 2016 - Org: Heitor Pinheiro, 2016 - DATUM: WGS: 1984

6. COMO A ALDEIA COMEÇOU?

O povoamento que hoje se chama Ponta Alegre foi construído por várias famílias vindas de lugares diferentes. Os indígenas que aqui chegaram vieram de locais como o Alto Andirá, conhecido como Andirá Velho, e as cabeceiras dos igarapés Manjuru, Miriti, Urupadi, Marapatá e Taracuá. Os Sateré-Mawé são grandes conhecedores de toda a região por terem uma longa tradição de explorar todos os rios e matas próximos. Até mesmo a bonita ponta de areia onde está a aldeia já era há muito tempo conhecida.

Os Sateré-Mawé que moravam na região do Andirá Velho navegavam sempre pelo rio Andirá, escolhendo aquela ponta de praia como local de parada em suas viagens em direção à cidade de Barreirinha. Nesse local também se encontravam com comerciantes e regatões brancos para trocar produtos como cipó, farinha, madeira, sorva, castanha e guaraná por bacias, machados e enxadas.

Assim faziam dois senhores, chamados Francelino e Amaro, que trabalhavam muito com os brancos. Juntos, pensaram em criar uma povoação em um local mais próximo da boca do rio Andirá. Queriam ficar próximos, cada um com seu sítio e sua roça, procurando trabalho entre os brancos, principalmente com um famoso comerciante da região conhecido como Cazuza Alexandre.

O local que escolheram foi a bela praia de areias brancas, onde, no período da cheia, forma-se uma ilha entre o rio Andirá e o igarapé Diamantino. Amaro e Francelino já conheciam bem aquele local, pois era comum que realizassem expedições de caça e de pesca pelas redondezas. Costumavam também fazer seu rancho e parar no local por um tempo, para depois seguir viagem, para trabalhar.

Maria Tina, filha de Francelino, conta algumas das histórias sobre a aldeia que seu pai lhe contou:

"O povo viu aquele pedaço de terra lá, bonito, praia, só areia branca. Lá um senhor por nome Amaro convidou o pai da mamãe pra fazer a comunidade. Uma casa aqui, uma casa ali, uma casa ali, barraco assim. Aí se juntaram, foram conversar. Disseram que eram tudo parente, né? Primo, tio, filhos, netos. Aí o velho disse assim:

- Olha gente! Eu estou fazendo aqui a reunião com vocês pra gente conversar naquela ponta bem lá, onde tem muito pau d'arco, lá eu vi que é muito bom pra gente fazer um roçado, pra fazer uma povoação pra nós.

Assim eles diziam na época. Lá eles caçavam, lá eles pescavam, viviam de lá pra cá porque na época tinha muito peixe e muita caça. Então eles vinham, comiam lá, faziam o rancho deles. Porque o nosso ritmo é assar comida, chamado moquear. Moqueava peixe, moqueava caça e ia embora trabalhar! E um dia resolveram fazer essa comunidade. Falavam de fazer povoação!

- Vamos fazer povoação pra nós, pra nós trabalhar, de lá a gente vem fazer o sítio da gente! A gente fica tudo lá junto, procurando trabalho pra gente fazer com os brancos, porque pra cá o branco não vem trazer nada e lá a gente ficando tudo facilita pra gente!

Lá fizeram e convidaram lá um senhor por nome de Amaro, foi ele quem teve essa ideia de fazer essa comunidade. Aí se juntaram, foram conversar. Então foi assim que iniciou a Ponta Alegre. Lá eles se convidaram, fizeram as casas, todo mundo se reuniu!"

Maria Tina Ferreira de Souza

Luís Calixto é um dos bisnetos de seu Amaro que ainda mora na aldeia de Ponta Alegre. Seu Calixto, como é conhecido, ainda se lembra da história de seu bisavô até hoje. Amaro veio da aldeia de Vila Nova, no rio Sapucaia, para construir seu barracão em Ponta Alegre:

> *"A mamãe, o meu pai, o meu avô contavam que esse meu bisavô fez a casa aqui nessa parte mesmo. Aí ele fez o barracão, né? Que índio só faz barracão, né? Aqui era só uma mata, ele abriu aqui, fez uma roça e fez o barracão dele. Aí chegou um senhor aí de Barreirinha, o nome dele era Cazuza Alexandre. Aí ele pediu a casa do meu avô, né? Pra sortir, comprar guaraná, comprar castanha. Aí meu avô como naquele tempo entregou a casa. Aí ficou, ficou como dele, né? Aí foi lá, foi ali naquela ponta ali, aí ele fez um guaranazal lá. É. E assim aconteceu! Nós nascemos por aqui mesmo!"*
>
> **Luís Calixto**

Foram, então, reunindo a suas famílias naquele local. Pessoas foram se juntando a eles pra morar e organizar em harmonia a vida da comunidade. Para fazer as suas casas usavam palha de caranã e madeira que tiravam da mata. Então os moradores de lá foram aumentando, se casando. Com mais pessoas morando juntas e o povoamento crescendo, surge uma questão: como organizar a vida de várias pessoas convivendo próximas em comunidade?

ATIVIDADES DIDÁTICAS SUGERIDAS

OBJETIVOS – Incentivar os alunos a conhecerem como era a vida de seus parentes que vieram para Ponta Alegre.

DEBATE EM SALA – O texto acima pode ser utilizado como base para uma conversa em sala de aula com os alunos, perguntando à classe as seguintes questões:

1. O local onde se encontra Ponta Alegre hoje em dia já era conhecido pelos indígenas?
2. Por que era um lugar conhecido?
3. Quais os motivos que tornavam Ponta Alegre um bom lugar para fazer uma comunidade naquela época?

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE – Pedir aos alunos que conversem com seus parentes mais velhos e respondam as seguintes perguntas:

1. Como era o Andirá Velho?
2. Como era a vida das pessoas que moravam lá?
3. Por que os seus parentes saíram do Andirá Velho?
4. Incentivar os alunos a elaborar mais perguntas.

A classe pode ser dividida em grupos. Cada grupo deve escolher, em conjunto, qua pessoa da aldeia será entrevistada. Essa escolha também é uma atividade em que o professor auxilia os alunos a identificar quem são os moradores da aldeia que poderiam saber mais sobre esse assunto. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa, já que os alunos precisam encontrar os seus entrevistados na aldeia.

APRESENTANDO OS RESULTADOS – Dependendo da idade dos alunos e da disponibilidade de material na escola, pode-se fazer diferentes escolhas na forma como vão apresentar os resultados em sala de aula a critério do professor. Uma sugestão é que os alunos elaborem desenhos coletivos em cartazes que possam ser apresentados à sala de aula. Cada grupo compartilha com o resto da classe aquilo que escutou de seu entrevistado mostrando o desenho que fizeram. A melhor forma de realizar essa atividade é fazendo com que os alunos exercitem o hábito de narrarem por conta própria aquilo que escutaram dos seus parentes.

Com ajuda de algum dos artesãos da comunidade, os alunos podem criar sua própria aldeia em miniatura, fazendo teçumes em formato de casas e maquete das roças. É uma boa forma de discutir também os materiais utilizados na construção das casas e como eles foram se transformando.

7. ESCOLHENDO UM TUXAUA.

O trabalho de um tuxaua em uma aldeia é muito importante. A sua função é organizar as pessoas que moram lá, para trabalhar em conjunto nos mutirões e manter a comunidade limpa, organizada e bonita. Um bom tuxaua também ajuda todos a conviver em harmonia, resolvendo na base da conversa todos aqueles problemas que possam surgir no dia a dia.

"Agora faltou um tuxaua, um tuxaua pra tomar conta deles. Lá eles disseram assim, o senhor que levantou a comunidade, né, Seu Amaro.

- Eu tenho um senhor lá na Terra Preta! Aquele senhor de idade ele serve pra ser um tuxaua aqui pra nós, vamos lá convidar? Vamos lá ver se ele vem pra ser nosso tuxaua?

Aí foram embora, chegaram lá, quando foi à tarde, à noite, tiveram uma conversa com ele.

- A nossa vinda aqui não é tanto como passeio, mas um convite. Viemos lhe convidar, já preparamos a nossa comunidade e a gente precisa de um tuxaua pra tomar conta do nosso povo lá, que a gente já está reunido, cada qual está na sua casinha, na sua barraca. Tudo lá, estamos precisando de um tuxaua!

Então foi que veio um senhor pra comandar a comunidade de Ponta Alegre. Um senhor da Terra Preta que convidaram veio pra lá, o Tuxaua Antonico. Ele tomou conta da comunidade, tudo muito bem!"

Maria Tina Ferreira de Souza

Então, o tuxaua Antonico reuniu o povo todo pra trabalhar, para fazer a comunidade crescer. Antonico, como é conhecido, também era um bom parceiro de Francelino e Amaro. Assim como eles, Antonico também segue com sua família baixando o rio, trazendo todos para para morar em Ponta Alegre junto com ele. Seu filho mais velho, Antônio Alexandre Carvalho, também chegou a ser o tuxaua da comunidade anos mais tarde. Alguns de seus bisnetos, Lúcio Ferreira Menezes e Elzon Carvalho da Costa, contam que Antonico nasceu no rio Mamuru, nas cabeceiras do rio Andirá. Em seguida, passa a morar rio abaixo, em Terra Preta, na beira do rio Taracuá, um afluente do rio Andirá em seu curso alto, para mais tarde chegarem a Ponta Alegre. João Ferreira de Souza também lembra desta história:

> *"Então veio o Tuxaua Antonico. O Tuxaua Antonico já foi desenhado pra dirigir a comunidade. Aqui já tinha umas dez famílias, então começaram a conversar pra botar o Tuxaua Antonico, vindo também de São José. Seu Antonico era interessado porque reuniu o povo pra trabalhar e o Francelino juntou com ele. Aí veio o Alexandre, aí o Alexandre começou a trabalhar e formaram duas forças bem grande: o Alexandre e o Antonico! Então, mas não se chamava de Tuxaua, essa palavra não existia, existia capataz, era capataz de trabalho. Dois capataz fortes que trabalhavam pra formar uma comunidade, chamado de povoado na época."*
>
> **João Ferreira de Souza**

Outros tuxauas que vieram mais tarde também são lembrados como uma parte muito importante da formação de Ponta Alegre. Uma pessoa muito lembrada é Etelvino Miquiles, que veio com sua família morar na aldeia. Etelvino Miquiles, irmão de Manuel Miquiles. Manuelzinho, como é mais conhecido, também foi um dos indígenas que saiu lá do alto Andirá e foi descendo o rio, fundando novas comunidades, como a aldeia de Vila Nova. Manoel Miquiles, vinha muito à aldeia de Ponta Alegre encontrar-se com seus amigos que moravam lá. O filho de Etelvino Miquiles, chamado Antônio Ferreira Miquiles também foi uma importante liderança da aldeia de Ponta Alegre.

ATIVIDADES DIDÁTICAS SUGERIDAS

OBJETIVOS – Incentivar os alunos a refletir sobre a vida em comunidade e sobre o papel de cada um dos moradores para a boa convivência na aldeia.

DEBATE EM SALA – O texto acima pode ser utilizado como base para uma conversa em sala de aula com os alunos, perguntando à classe as seguintes questões:

1. Por que os moradores de Ponta Alegre precisavam de um tuxaua na aldeia?
2. Qual a importância de um bom tuxaua para a aldeia?
3. O que são os mutirões de trabalho e para que serviam?

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE – Essa atividade pede aos alunos que eles conversem com seus parentes mais velhos e respondam as seguintes perguntas:

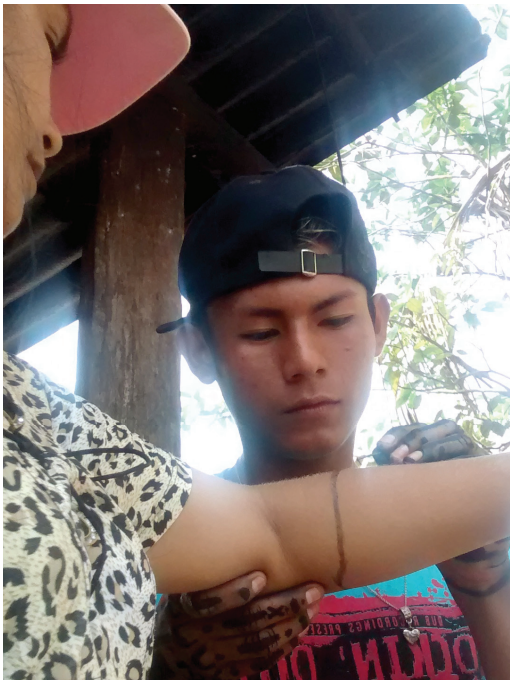
1. O que faz de uma pessoa uma boa lideranças?
2. Qual o papel de uma liderança?
3. Qual o papel dos moradores da comunidade para que todos vivam em harmonia na aldeia?
4. Como era ser uma liderança no tempo dos seus avós e como é ser uma liderança hoje em dia? Muita coisa mudou?

A classe pode ser dividida em grupos. Cada um dos grupos deve escolher para qual pessoa realizar as perguntas. Essa escolha também é uma atividade em que o professor auxilia os alunos a lembrar quem são os moradores da aldeia que poderiam dominar o assunto. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa, já que os alunos precisam procurar os seus entrevistados na aldeia.

APRESENTANDO OS RESULTADOS – Dependendo da idade dos alunos pode-se fazer diferentes escolhas na forma como vão apresentar os resultados em sala de aula a critério do professor. Uma sugestão é que os alunos elaborem desenhos coletivos em cartazes que possam ser apresentados à sala de aula. Podem fazer desenhos representando as atividades e tarefas das lideranças. Cada grupo compartilha com o resto da classe aquilo que escutou de seu entrevistado mostrando o desenho que fizeram. A melhor forma de realizar essa atividade é fazendo com que os alunos exercitem o hábito de narrar por conta própria aquilo que escutaram dos seus parentes.

A turma pode pensar em tarefas que eles mesmos poderiam organizar para a escola e para a comunidade. Por exemplo, um puxirum ajudar a manter a escola limpa e organizada, ou ajudar na decoração quando tiver alguma festa na escola. O professor pode também simular um puxirum para a construção de uma casa ou a abertura de um roçado.

8. FOTOS DA ALDEIA DE PONTA ALEGRE.



LUIZINHO

60 ANOS

9. **DESENHO DA VISTA DA ALDEIA DE PONTA ALEGRE.**

ATIVIDADES DIDÁTICAS SUGERIDAS

OBJETIVOS – Conduzir os alunos a uma reflexão sobre o espaço da aldeia de Ponta Alegre.

DEBATE EM SALA – O mapa da aldeia pode ser utilizado como base para uma conversa em sala de aula com os alunos, colocando à classe as seguintes questões:

1. Sugira aos alunos que identifiquem no mapa diferentes locais da aldeia. Por exemplo: escola, campo de futebol, praça, mini-hospital, igrejas etc.

2. Sugira aos alunos que procurem no mapa o local onde moram, ou suas proximidades.

3. Sugira aos alunos que encontrem no mapa os lugares onde costumam frequentar na comunidade e que tipos de atividades fazem lá. Por exemplo, onde brincam? Brincam do quê? Onde existem árvores com frutos? Onde tomam banho de rio? Onde jogam bola?

4. Sugira aos alunos se conseguem encontrar algo que conheçam na aldeia, mas que não está representado no mapa.

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE – Cada estudante, ou grupo de estudantes, deve fazer um desenho que represente a casa onde mora na aldeia de Ponta Alegre. Os estudantes mais velhos podem fazer um desenho próximo a um mapa, identificando cada parte da casa e o que se faz lá. Pode-se sugerir para os estudantes mais velhos que eles se reúnam em grupos e façam um mapa simples de alguma parte da comunidade que ainda não está representada no mapa da cartilha. Os mais novos podem fazer um desenho da maneira que acharem mais divertido, representando aquilo que acham mais interessante em suas casas.

APRESENTANDO OS RESULTADOS – Cada aluno ou grupo de alunos mostra o desenho para a sala de aula a explica o que está nele representado.

10. QUAL SERÁ O NOME DA ALDEIA?

No começo da aldeia, o nome de Ponta Alegre ainda não existia. Os primeiros moradores então disseram:

- Agora vamos procurar um nome! Vamos escolher um nome, mas só entre nós, não com o branco!

Então o povo da aldeia se reuniu para decidir o nome do povoado. Todos se sentaram em troncos de madeira e conversaram enquanto a cuia de çapó passava de mão em mão. Lembraram que aquela ponta de praia, onde fazia muito tempo os Sateré-Mawé costumavam parar para fazer seu rancho, caçar, pescar e se encontrar com comerciantes brancos, já era conhecida pela abundância de pau d'arco. Então disseram:

- Esse pedaço aqui só tem pau d'arco, então nós vamos falar Arco pra ele, comunidade Arco!

Aí outro, pensando melhor, disse:

- Não, não dá bem, nós vamos falar Muirá Apá'ra!

E todos concordaram!

Então outra dúvida surgiu entre o pessoal reunido, como seria o nome do rio? Todos ali na roda de çapó se lembravam de como o rio ficava cheio de morcegos tomando banho de madrugadinha. Lembraram-se que quando saiam para pescar no rio avistavam centenas deles! Os morcegos ficavam brincando na água, voando de um lado para outro. Para nomear o rio, então, escolheram Andyra! Andyra é uma palavra na Língua-Geral, o idioma falado por muitos daqueles que moravam no Alto do rio. Todos se agradaram deste nome e assim ficou decidido.

Por muito tempo a aldeia ficou conhecida como Muirá Apá'ra, mas na região da aldeia não viviam apenas índios. Lá próximo moravam muitas famílias diferentes em seus sítios, na beira do rio Andirá ou dos vários igarapés nas redondezas. Os brancos que moravam e frequentavam a aldeia trouxeram outras ideias de nome para o lugar. Eles também se encantavam com a beleza do local, com suas belas praias.

Quando o povo se reunia, seja pra morar, trabalhar ou festejar, todos ficavam muito felizes. Daí surgiu o nome atual da aldeia de Ponta Alegre. Ponta, porque é uma ponta de praia, formada pelo rio Andirá e pelo igarapé Diamantino. Alegre, porque seus moradores ficavam felizes quando se juntavam todos lá, construindo pouco a pouco o povoamento.

ATIVIDADES DIDÁTICAS SUGERIDAS

OBJETIVOS – Levar os alunos a refletir sobre a importância do lugar onde vivem e valorizar a história de sua aldeia, do rio Andirá e da Terra Indígena Andirá-Marau. Cada aluno deve buscar conhecer os nomes dos lugares da região: nomes de comunidades, rios, igarapés, paranás, pontas, e descobrir se os lugares mudaram de nomes e se tem nomes diferentes, em português, sateré-mawé e em nheengatu. Ao final, produzir um cartaz com os nomes dos lugares.

DEBATE EM SALA – O texto acima pode ser utilizado como base para uma conversa em sala de aula com os alunos, perguntando à classe as seguintes questões:

1. Por que os moradores de Ponta Alegre escolheram esse nome para a aldeia?

2. Por que escolheram o nome Andyra para o rio?

3. Como os moradores da aldeia fizeram para tomar a decisão do nome da aldeia e do rio?

4. Qual a importância do waranã e do çapó nessas reuniões?

5. Quantas e quais línguas diferentes eram conhecidas pelos moradores de Ponta Alegre?

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE – Essa atividade pede aos alunos que eles conversem com seus parentes mais velhos e respondam as seguintes perguntas:

1. Faça uma lista de todos os nomes de igarapés que ficam próximos de Ponta Alegre. Por que eles ficaram conhecidos por esses nomes? Eles são conhecidos por mais de um nome?

2. Faça uma lista de todos os nomes de comunidades e aldeias que ficam próximas de Ponta Alegre. Essas aldeia e comunidades são conhecidas por mais de um nome? Por que elas são conhecidas por esses nomes?

3. Faça uma lista dos nomes das ruas e caminhos da aldeia de Ponta Alegre. Por que elas são conhecidas com esses nomes?

A classe pode ser dividida em grupos. Cada grupo deve conversar entre si e escolher qual pessoa da aldeia será entrevistada. Essa escolha também é uma atividade em que o professor auxilia os alunos a identificar quem são os moradores da aldeia que poderiam saber sobre esse assunto. Essa atividade pode ser realizada como lição de casa, já que os alunos precisam encontrar os seus entrevistados na aldeia.

APRESENTANDO OS RESULTADOS – Dependendo da idade dos alunos, pode-se fazer diferentes escolhas na forma como vão apresentar os resultados em sala de aula a critério do professor. Uma sugestão é que os alunos elaborem

desenhos coletivos em cartazes que possam ser apresentados à sala de aula. Nesses desenhos podem constar, por exemplo, a aldeia, os rios e as pessoas que moram neles. Com ajuda do professor de língua materna e dos mais velhos, pode-se desenhar também os animais e plantas, escrevendo o nome em português e sateré-mawé ao lado. Cada grupo compartilha com o resto da classe aquilo que escutou de seu entrevistado mostrando o desenho que fizeram. A melhor forma de realizar essa atividade é fazendo com que os alunos exercitem o hábito de narrar por conta própria aquilo que escutaram dos seus parentes. Se a turma anteriormente construiu uma maquete de aldeia, agora pode ser o momento para dar os nomes dos elementos que eles colocaram na maquete.

11. E PONTA ALEGRE FOI CRESCENDO!

Algum tempo depois, os velhos que foram plantando as suas raízes em Ponta Alegre tiveram cada vez mais frutos: mais pessoas foram nascendo na comunidade e mais pessoas de fora foram chegando para se juntar a eles naquela bela ponta.

Lúcio Menezes se lembra, por exemplo, do velho Agostinho Menezes, que veio pra Ponta Alegre com sua família há muito tempo. Lúcio conta que, antigamente, Terra Preta era a maior aldeia, mas muitos de seus moradores tiveram que deixar de morar no Alto Andirá devido a uma epidemia de febre amarela contraída pelos indígenas após a invasão de seu território. Lúcio conta:

"Terra Preta era a maior aldeia que tinha na época, né? Aí foi morrendo, teve aquela morte de febre amarela que não tinha remédio lá, o índio morreu... morreu muita gente. Os velhos foram morrendo e aí deixaram lá e desceram pra cá um pouquinho, aí surgiu Terra Preta. Onde é Terra Preta hoje é outro Terra Preta, eles desceram mais um pouquinho. Lá só tem só armação de casa porque na época os Sateré só faziam casa de uma madeira chamada pau-ferro. Podia chover aí e na hora que secava nem prego entrava dentro. Há uns vinte anos atrás, até mais, eu ainda fui lá, ainda tinha os esteios, tá na capoeira lá. Foi assim que história foi. Aí que surgiu Ponta Alegre já.

O Agostinho Menezes e a família vieram tudo do Alto. Do antigo São José. Quando Ponta Alegre se criou não tinha o Araticum, Castanhal, Vila Miquiles, Guaranatuba então tudo o que nascesse naquela redondeza tudo era como Ponta Alegre. Quer dizer, eles desceram, mas não vieram direto pra Ponta Alegre, ficaram assim em uma cabeceira, em um sítio. Certo tempo depois que Ponta Alegre já estava criado que eles vieram pra Ponta Alegre já. Quando nós nascemos já estava em Ponta Alegre já."

Lúcio Menezes

Dona Nadir Cabral é mais uma das moradoras de Ponta Alegre que tem muitas histórias para contar de como a aldeia foi crescendo cada vez mais. A mãe de Nadir, chamada Rosa Cabral, foi uma das primeiras professoras em Ponta Alegre. Dona Nadir conhece bem a história da sua família, de como chegaram ao rio Andirá e de lá foram se casando e se espalhando, de um lado pro outro. Ela era dessas meninas indagadeiras, que gostavam muito de ouvir seus pais e avós para aprender com eles. Ela conta:

"Eu não cheguei a conhecer bem meus avós, mas eu ainda me lembro que eu vi eles. A minha avó era de Santarém, a família dela. Meu avô também era do lado de lá de Santarém. Mas quando ela veio, minha avó veio pra Parintins, solteira, né? Com a família dela, se encontraram com meu

avô, né? E aí começaram a se namorar e ela casou com ele. Aí depois de casada, a minha avó veio pra cá. Eles vieram pra cá à procura de terra, né? A notícia que tinha pra lá é que aqui tinha muito, dava muito produto, principalmente castanha, muita alimentação, ele dizia:

– Tinha muita terra, tracajá, tartaruga, e eu tava casado e eu vim ver se era verdade, veio eu e mais outra família que morou lá no, ali mais embaixo!

Aí meu avô logo se agradou daquele pedaço, foram procurar castanha no mato, acharam muita castanha. Aí ele fez a casa dele, fez um roçado e plantou guaraná, se agradou da terra ai na boca do Arauá."

Nadir Cabral

A família de Nadir Cabral ficou morando por lá. Depois os filhos foram aumentando e foram se casando entre as outras famílias que moravam na aldeia.

A mãe de Nadir, conhecida como Rosa Cabral, é lembrada como a primeira professora de Ponta Alegre. Além disso, é famosa por ser ter sido uma excelente parteira. Dona Rosa viajava pela região atendendo a chamados para realizar partos e trazer remédios nas aldeias e comunidades das proximidades. Muitos dos moradores de Ponta Alegre nasceram pelas mãos da famosa parteira Rosa Cabral!

A família de Rosa Cabral não foi a única a se agradar das praias de Ponta Alegre. Muitas outras foram se juntando à aldeia e se casando com moradores do local. Rosa Cabral Neta, por exemplo, casou-se com Helito Barbosa.

Helito lembra que os Barbosa são uma das famílias indígenas que vieram descendo o rio Andirá. Os seus parentes moravam lá nas cabeceiras do rio Mariquã e depois vieram morar um pouco mais abaixo de Vila Nova, no rio Andirá, em um local chamado Patauá. Foi de lá que vieram então para um sítio na beira do igarapé Diamantino e somente depois compraram um terreno de um funcionário da FUNAI na aldeia de Ponta Alegre, onde vivem

até hoje. O velho Barbosa, pai de Helito, é conhecido por ter sido o vigia do famoso veneno tukai ihy usado em combate pelos índios Sateré-Mawé. Até hoje muitos se lembram da importância deste veneno para as vitórias em guerras dos Sateré-Mawé na região.

Não foi somente a família do velho Barbosa que veio se juntar aos moradores de Ponta Alegre. Ajurimar Vieira de Araújo lembra-se muito bem das histórias que sua mãe lhe contava sobre as andanças de seus parentes mais velhos. O velho João Vieira é um de seus parentes que continuam vivos na memória dos moradores de Ponta Alegre. Ajurimar se recorda:

> *"Meus avôs me contaram assim, o meu avô de parte de mãe é do Ceará. Aí ele veio, foi no tempo duma revolta grande, que teve uma guerra, que surgiu aqui dentro do Andirá. Eles vieram pelo rio Tapajós. E aí nesse tempo só tinha aldeia e índio brabo.*
>
> *Ele veio com idade de dezoito anos. Ele tinha um capotão grande, um coturno que era assim de seringa, de borracha. Ele usava aquelas caroba grande, chapéu grande e o rifle nas costas e a cinta de bala".*
>
> **Ajurimar Vieira de Araújo**

O velho Vieira foi se aproximando das aldeias indígenas que encontrou nas cabeceiras do curso alto dos rios Andirá e Marau. Foi recebido nelas com a desconfiança de um desconhecido que entra em terras habitadas pelos indígenas. Teve que ser ensinado sobre o modo de vida dos índios e aprendeu aos poucos com eles os costumes daquelas terras. Foi alimentado com sucuriju, tucupi, caxiri e tucandeiras e só depois autorizado a comer da carne de caça que os índios se alimentavam.

Os índios foram ensinando pra ele suas músicas e danças e ele foi incentivado a ensinar pra eles as músicas e danças de sua terra natal, como conta Ajurimar:

> *"Em cada aldeia ele passava três dias e três noites. Porque cantava mae-mae. A mae-mae é uma origem sateré, aí cantavam e ele também acompanhava, porque ele não queria morrer, acompanhava dançar. Depois, quando paravam da mae-mae, mae-mae, perguntavam pra ele se ele sabia contar uma história, cantar também, da terra dele. Ele dizia que ele sabia, ele dava o nome de música sertaneja. Aí cantava. Aí passava mais três dias e três noites. Cantando, sem dormir. Aí quando parava ele dizia*
>
> *- Eu não aguento mais, tuxaua!*
>
> *Dormia na casca de pau, na terra. A oca deles era assim, na terra. Lá entocavam ele, lá ele dormia no meio, rodeavam tudinho ele, preservavam ele. De lá ele já saía de novo, no outro dia, outra aldeia, mandavam ele pra outra aldeia. Na outra aldeia a mesma coisa."*
>
> **Ajurimar Vieira de Araújo**

Velho Vieira foi parar na antiga aldeia de Araticum Velho e lá se casou com uma indígena de nome Clarinda. Ele ficou morando com ela na aldeia durante algum tempo e depois veio baixando o rio Andirá até se estabelecer em um sítio na beira do igarapé Diamantino. O nome do sítio ficou conhecido como Santa Clara, em homenagem à sua esposa Clarinda. O velho Vieira trabalhava plantando guaraná, tirando seringa, copaíba, castanha e madeira da mata para vender aos regatões e na cidade de Barreirinha.

Vieira é conhecido pelos seus parentes como um homem muito grande e de voz forte como um trovão. Andava pelas matas com suas roupas feitas de borracha varando a floresta em busca do sustento de sua família. Ele se dava muito bem com os moradores de Ponta Alegre e aprendeu muito com eles. Depois de muitos anos morando em Santa Clara, os parentes do velho Vieira decidiram que era hora de se mudarem para Ponta Alegre. Ajurimar, nesse tempo, ainda era uma criança, e ele e seus irmãos sofriam muito para virem

todos os dias estudar na escola da aldeia. Construíram suas casas no terreno que era de uma de suas tias que se mudou para o rio Uaicurapá.

Esses são só alguns exemplos de pessoas que vieram morar em Ponta Alegre e colaboraram na construção da grande aldeia que ela é hoje. Como se vê, cada vez mais pessoas se juntaram para morar em Ponta Alegre hoje em dia.

ATIVIDADES DIDÁTICAS SUGERIDAS

OBJETIVOS – Levar os alunos a conversarem com sua família sobre a sua própria história.

DEBATE EM SALA – O texto acima pode ser utilizado como base para uma conversa em sala de aula com os alunos, perguntando à classe as seguintes questões:

1. As famílias que moram em Ponta Alegre vieram todas do mesmo lugar? De onde vieram?

2. Por que essas famílias escolheram Ponta Alegre como um lugar para morar?

3. Essas famílias são todas aparentadas hoje em dia?

4. A aldeia de Ponta Alegre continua crescendo hoje?

5. Onde estão sendo construídas novas casas? E novas roças?

CONVERSANDO COM A COMUNIDADE – A atividade pretende que os alunos tratem de suas histórias familiares com os membros de sua família. Então cada estudante pergunta para pessoas que ele considera como seus familiares as seguintes questões:

1. Quando a sua família chegou à aldeia?

2. Por que sua família veio morar na aldeia?

3. Quem foram as pessoas de sua família que vieram morar na aldeia?

4. De onde essas pessoas vieram? Onde essas pessoas nasceram?

5. Em que parte da aldeia de Ponta Alegre fizeram sua primeira casa? E sua primeira roça?

6. Onde moram agora? Onde fazem sua roça?

7. Existem pessoas de sua família morando em outros lugares? Quais pessoas? Onde elas moram?

Essa atividade pode ser realizada como lição de casa, já que os alunos precisam procurar os seus entrevistados na aldeia.

APRESENTANDO OS RESULTADOS – Dependendo da idade dos alunos pode-se fazer diferentes escolhas na forma como vão apresentar os resultados em sala de aula, a critério do professor. Uma sugestão é que os alunos elaborem desenhos coletivos em cartazes que possam ser apresentados à sala de aula. Os alunos podem desenhar seus parentes, como em uma fotografia de família ou uma árvore genealógica, ou ainda desenhando alguma tarefa em que todos participassem, como descascar mandioca. Cada grupo compartilha com o resto da classe aquilo que escutou de seu entrevistado, mostrando o desenho que fizeram. A melhor forma de realizar essa atividade é fazendo com que os alunos exercitem o hábito de narrar por conta própria aquilo que escutaram dos seus parentes.

12. A VIDA DA COMUNIDADE E A VIDA EM COMUNIDADE

PLANO DE RETRATO DA COMUNIDADE FEITO PELOS ALUNOS.

As atividades sugeridas nas seções anteriores tiveram como resultado uma série de materiais produzidos pelos próprios alunos a respeito da história da aldeia de Ponta Alegre e sobre as experiências das famílias que moram nela. A finalização deste ciclo de atividades pretende estimular os alunos a produzirem um retrato atual da aldeia de Ponta Alegre, por meio da realização de uma atividade conjunta que envolva todos os alunos da escola em uma exposição coletiva sobre a aldeia em que vivem.

Algo importante de ser lembrado são as mudanças que a aldeia de Ponta Alegre vem passando ao longo do tempo.

O seguinte depoimento de Amado Menezes Filho, por exemplo, conta um pouco de suas memórias sobre a aldeia de Ponta Alegre e também sobre a importância da educação escolar e da memória dos conhecimentos tradicionais.

"Na nossa época, quando a gente era pequeninho, tinha esse conhecimento. Hoje nós já estamos adulto. O nosso Andirá antigamente, ele era muito farto, muito farto. Ninguém pensava naquela época como agora. Agora é difícil. A aldeia não existia como ela é agora, era só um caminhozinho. A gente pegava o peixe aqui na beira com as flechas de tala, pegava Tucunaré, qualquer tipo de peixe.

Aí era muita facilidade que a gente convivia aqui na comunidade. Não tinha bem muito contato com branco. Hoje não, hoje tem muito contato com branco. Por que? Porque eles vinham de lá pra cá. Pra ter esse contato com branco vieram, primeiro, o pessoal da saúde, depois veio a FUNAI, depois veio os evangelistas e aí foram conquistando, conquistando, até o momento aí eles pegavam um dos filhos daqui da comunidade – não só daqui, de outras comunidades – e iam para Barreirinha, Parintins, pra mandar educar.

Aí eles começaram a ir para educar. Quando os estudantes tiveram conhecimento do branco lá, já vinham de lá diferente na língua, na fala, no preparo. Não queria mais botar o colar, tinha que ser cordão e o relógio. Não vinha pisando no chão mais, vinha com seu sapato, seu chinelo. Aí foram indo, aí foi e que hoje pra tá esse contato que hoje nós estamos vendo aqui.

Aí veio a educação e a gente foi para a sala de aula. Que na aula a gente aprende muita coisa que nós nem pensava de ter um conhecimento para melhoria da nossa vivência, de nos cuidar, da nossa esposa, dos nossos filhos. A educação vem da escola, mas vem de casa também, pra ajudar o nosso professor.

Aí o que aconteceu: nós, o nosso povo, foram pra fora. E hoje a gente já sabe que esqueceram muita coisa. Assim também muitos dos nossos irmãos aqui já estão deixando de falar a própria língua materna. Também nós pedimos resgatar, para que nós podemos assegurar o direito nosso de indígena mesmo, não só no documento, porque muitas vezes é só o documento, mas você não sabe explicar, você não sabe falar. Então não adianta você tirar o RANI, mas na verdade você não é. Então, isso aqui existe, então por isso os nossos professores estão se adaptando mais pra essa finalidade. É pra isso nós temos que ter parceria, para que nossos filhos tenham continuidade no estudo pra ter o conhecimento!"

Amado Menezes Filho

Levando em consideração os principais assuntos tratados pelos narradores de Ponta Alegre, que contribuíram com suas histórias para a realização deste material de apoio didático, foram escolhidos alguns assuntos principais que podem ser abordados pelos alunos de forma que possam construir uma imagem abrangente de como é a aldeia de Ponta Alegre nos tempos atuais.

Para cada um destes temas os alunos devem ser organizados em grupos diferentes da maneira que o professor achar mais adequado. A sugestão é que cada classe da escola fique encarregada de um dos temas, de modo que alunos de diferentes idades possam tratar de temas diferentes e produzir materiais de acordo com a sua faixa etária, variando de desenhos, encenações teatrais, pequenos textos escritos e exercícios de contar histórias oralmente.

Os temas sugeridos são os seguintes:

A) BAIRROS E SETORES DA ALDEIA DE PONTA ALEGRE

A aldeia de Ponta Alegre é dividida em diferentes setores. Os alunos responsáveis por este assunto podem ficar responsáveis por conversar com o coordenador de cada um dos setores da aldeia e com seus moradores mais antigos e ativos na vida da comunidade.

As perguntas a serem respondidas podem ser:

- *Quais são as ruas e quarteirões da cada setor?*
- *Quem são os moradores de cada um dos setores?*
- *Como é cada setor da aldeia? Eles são diferentes entre si?*
- *Qual o setor mais antigo da aldeia? Qual o setor mais novo?*
- *Tire fotos ou realize desenhos de cada um dos setores da aldeia.*

B) OS MUTIRÕES E OS ESPAÇOS COLETIVOS DA COMUNIDADE

Os Mutirões, nos quais homens, mulheres e crianças trabalham juntos, são muito importantes para todos os moradores. É no trabalho conjunto que são realizadas atividades que fazem com que a aldeia fique cada dia mais bela e agradável de se viver. Nos mutirões, os moradores se organizam para recolher o lixo da comunidade, limpar o mato mantendo os caminhos livres para a caminhada, construir pontes e até mesmo abrir ruas e colocar postes de iluminação!

Os alunos responsáveis por este tema podem buscar na aldeia quem são as pessoas que geralmente participam de mutirões na comunidade. Podem ser entrevistados diferentes homens e mulheres, capazes de lhes contar sobre como organizar essa atividade e qual a sua importância.

- *Como se faz para organizar um mutirão de trabalho coletivo?*
- *Qual a importância destes mutirões para a aldeia?*
- *Quais são as principais atividades que se realizam nos mutirões?*
- *Qual o papel dos homens nos mutirões? E o papel das mulheres? E das crianças?*
- *Quais foram os últimos trabalhos realizados na comunidade nos mutirões?*
- *Desenhe ou tire fotos de um mutirão sendo realizado na aldeia. Conte um pouco sobre quem participou dele e o que foi realizado pelo mutirão.*

C) AS CASAS E OS QUINTAIS

Construir uma casa é uma arte que os moradores de Ponta Alegre conhecem muito bem. As formas de construção e os materiais utilizados foram mudando bastante desde os tempos dos antigos até hoje em dia, mas na paisagem de Ponta Alegre é possível encontrar casas construídas das mais diversas maneiras e com os mais diversos materiais.

Os alunos que ficarem responsáveis por este tema terão a tarefa de descrever como são as casas dos moradores de Ponta Alegre, assim como de que forma elas foram construídas e quem vive nelas. Com auxílio do professor, o grupo de alunos pode escolher diferentes casas na comunidade ou, então, analisar as próprias casas onde vivem na comunidade. Para

essa atividade, devem observar as moradias e conversar com seus parentes e conhecidos sobre os seguintes assuntos:

- *Na aldeia de Ponta Alegre, todas as casas são iguais? Quais as diferenças entre elas? Todas são feitas dos mesmos materiais? Como são os diferentes pisos? E telhados? E paredes?*
- *Escolham 10 casas que sejam diferentes entre si por algum motivo. Pode ser o material de construção, número de cômodos, tamanho, presença de um quintal ou então o local onde ela se encontra na aldeia. Desenhe ou fotografe cada uma delas e repare nas principais diferenças entre elas.*
- *Converse com os donos das 10 casas escolhidas e pergunte quando a sua casa foi construída, quem o ajudou na construção da casa, quantas pessoas moram na casa e peça que conte um pouco sobre cada espaço da casa.*
- *A casa possui um quintal? Quais são as plantas que se cultivam nesse quintal? Os donos possuem animais de criação? Quais? Eles são criados soltos?*
- *Quem cuida mais da casa? Quais são atividades de quem cuida da casa?*

D) AS ROÇAS E PUXIRUNS

O trabalho nas roças é muito importante para os moradores da aldeia, muitos deles produzem diversos tipos de alimentos em suas roças espalhadas pelas matas próximas da aldeia de Ponta Alegre. O trabalho em uma roça é muito pesado e envolve tanto homens e mulheres na sua realização.

Os alunos devem procurar moradores de Ponta Alegre que mantenham roças nas proximidades da aldeia para perguntar para eles sobre essa atividade. Uma parte importante da construção de uma roça e da colheita de seus produtos é a troca de trabalho chamada de puxirum. No puxirum, os moradores da comunidade se ajudam no trabalho das roças de cada pessoa envolvida.

- *Como se constrói uma roça? Quais são as etapas para se fazer uma roça?*
- *Onde está localizada a sua roça? Qual o tamanho dela?*
- *Quais são os produtos que estão plantados na roça?*
- *Quem trabalha na sua roça?*
- *Desenhe ou tire fotos do local da roça do entrevistado.*
- *Como é um puxirum? Qual a responsabilidade do dono da roça para que as pessoas o ajudem no trabalho em sua roça?*
- *Em quais etapas da construção de uma roça é necessário um puxirum?*

E) A VIDA RELIGIOSA E IGREJAS

Na aldeia de Ponta Alegre existem muitas igrejas de diferentes denominações religiosas. É raro caminhar durante a noite na aldeia sem que se escute algum canto de louvor vindo de algumas das inúmeras igrejas distribuídas por toda a comunidade. Quase todas as famílias que vivem na aldeia participam de algum culto ou missa, fazendo com que a fé seja uma característica marcante na vida cotidiana da comunidade.

Os alunos responsáveis por tratar deste tema devem procurar na comunidade onde estão as igrejas e quem são seus responsáveis. Os alunos podem se dividir entre cada uma das denominações religiosas identificadas. Conversando com essas pessoas podem perguntar para cada uma delas:

- *Qual a denominação religiosa da igreja?*
- *Como que essa denominação religiosa chegou a Ponta Alegre?*
- *Por que a igreja ou o local do culto foi escolhido para ser construído naquele local?*
- *Por quem e com quais recursos o espaço de culto ou a igreja foi construído?*
- *Quantas pessoas costumam frequentar as missas e cultos?*
- *Quais são os dias importantes para essa igreja? O que se comemora?*
- *Desenhe ou tire fotos dos cultos e missas que ocorrem no local.*

F) A ESCOLA E O COLÉGIO

A escola Rosa Cabral e o colégio são instituições muito importantes na aldeia de Ponta Alegre. Como contam os narradores ouvidos para a elaboração deste material, muitas das famílias que moram hoje em dia na aldeia vieram para cá querendo ficar mais próximos da escola para facilitar que seus filhos e netos pudessem frequentar as aulas sem as dificuldades e riscos de viajarem todos os dias para a aldeia.

Junto com os alunos responsáveis por este tema, os professores podem ajudar a identificar pessoas na comunidade que possam contar com mais detalhes a história da criação da escola e do colégio na comunidade. Selecionadas as pessoas, podem fazer as seguintes perguntas:

- *Quem eram alguns dos professores que já lecionavam em Ponta Alegre antes da construção do colégio e da escola?*
- *Onde estes professores davam aulas para os seus alunos? Quais materiais utilizavam para ensinar?*
- *Quem são os professores da escola? Quem são os professores do colégio?*

- *Quais são os outros profissionais que trabalham na escola? Quem são eles? Qual a sua importância para a o funcionamento da escola?*
- *Quantos alunos estudam no colégio e na escola de Ponta Alegre?*
- *Desenhe ou tire fotos das dependências do colégio e da escola.*

G) AS FESTAS DA COMUNIDADE

Em Ponta Alegre sempre se realizaram muitas festas durante o ano. Os momentos de comemoração são sempre importantes para a vida em uma comunidade. As festas podem ser realizadas por diversos motivos, como a comemoração do dia 7 de Setembro, o Dia do Índio, as festas da Tucandeira ou então a Marujada.

Os alunos responsáveis por este tema devem listar todas as festas e comemorações que são realizadas na aldeia de Ponta Alegre e, com ajuda dos professores, identificar diferentes moradores da comunidade que podem contar sobre cada uma dessas comemorações.

- *Faça uma lista de todas as comemorações e festas realizadas na aldeia.*
- *Qual o tema de cada uma das festividades?*
- *Quando a festividade começou a ser realizada em Ponta Alegre?*
- *Quem organiza a festividade e por quê?*
- *Como é cada uma das festividades? Onde ela é realizada? O que se faz nela?*
- *A festividade continua sendo realizada até os dias de hoje? Por quê?*

H) O FUTEBOL NA ALDEIA

O futebol é uma atividade muito praticada em Ponta Alegre. Quase todos os dias os moradores da aldeia se reúnem em um dos campos de futebol espalhados pela comunidade para se divertirem. A importância do futebol para Ponta Alegre pode ser confirmada pela quantidade de campos de futebol e times que costumam, inclusive, viajar para vários lugares diferentes na região para disputar jogos amistosos e conquistar títulos em campeonatos.

Os alunos responsáveis por esse tema devem fazer um levantamento de todos os lugares onde se joga futebol na comunidade e identificar os integrantes dos diferentes times que existem na comunidade. Escolhendo aquelas pessoas na aldeia que podem responder as perguntas sobre os times de futebol, devem conversar com elas sobre:

- *Quais são os times de futebol da aldeia? Quais são seus nomes e seus jogadores?*
- *Como foi para que os times se formassem?*
- *Como são os seus uniformes?*
- *Onde estes times costumam disputar campeonatos?*
- *Quais foram os campeonatos mais importantes que disputaram?*
- *Quais as vitórias mais importantes que tiveram em sua história?*
- *Quem são os melhores jogadores homens da aldeia?*
- *Quem são as melhores jogadoras mulheres da aldeia?*
- *Tire fotos ou faça desenhos das partidas de futebol que acontecem nos campos da aldeia de Ponta Alegre entre jogadores de todas as idades.*

I) OS REMÉDIOS DA FLORESTA

Todos na aldeia conhecem um bom puxador para resolver aquelas dores que surgem aqui e ali. São muitos, também, os remédios feitos com plantas da mata e dos quintais, e não falta o conhecimento dos mais entendidos sobre seus usos. Às vezes os problemas podem ser resolvidos também com rezas e benzimentos que têm o poder da cura.

Os alunos que ficarem responsáveis por esse tema devem escolher quem são os moradores da aldeia que mais conhecem sobre essas técnicas tradicionais de tratamento das mais diversas enfermidades. Após escolherem quem são os mais conhecedores sobre esse assunto na aldeia, podem perguntar:

- *Como ficaram sabendo dessas técnicas de cura que conhecem e praticam hoje em dia?*
- *Quais são as enfermidades que esse conhecimento pode ajudar a curar?*
- *Faça uma lista de algumas doenças e dos remédios da mata para combatê-las. Depois, solicite ajuda para encontrar essas plantas nos quintais destes conhecedores e conte ou desenhe onde essas plantas podem ser encontradas.*
- *Peça para que contem sobre casos em que eles ajudaram a curar uma pessoa com algum problema.*

J) A CAÇA E A PESCA

Na aldeia de Ponta Alegre há muitos bons caçadores e pescadores. A organização de expedições de caça e de pesca nos igarapés próximos da aldeia é uma das atividades que mais empolgam jovens e adultos na comunidade. Outros, preferem caçar nas matas no fundo da comunidade, solitariamente fazendo a espera durante a noite na floresta. A pesca, realizada geralmente com o sol nascendo, é uma forma garantida de trazer para a casa a alimentação para sua família e vizinhos.

Os alunos responsáveis por esse tema devem selecionar alguns dos caçadores e pescadores da aldeia de Ponta Alegre para falarem um pouco sobre esse tema.

- *Quais são os animais que se costuma caçar?*
- *Todos os animais são caçados do mesmo jeito? Como se caça cada um deles?*
- *Onde são os melhores lugares para se caçar cada um desses animais?*
- *O que se aproveita destes animais? Qual o melhor parte de sua carne? Outras partes destes animais são utilizadas para outras coisas?*
- *Quais são os animais mais difíceis de serem caçados? Quais deles são os mais perigosos para o caçador?*
- *Quais os perigos que os caçadores enfrentam na mata? Como os caçadores fazem para evitar esses perigos?*
- *Como os caçadores aprenderam a caçar? Como foi que caçaram o primeiro animal em suas vidas?*
- *Quais são os animais que se costuma pescar?*
- *Onde se vai para pescar cada um deles? Onde são mais fáceis de encontrar?*
- *Como os pescadores aprenderam a pescar?*
- *Quais são os materiais que usam na pescaria?*
- *Quais são as melhores épocas para se pescar cada um destes animais?*
- *Procure ouvir dos caçadores e pescadores algumas aventuras que eles se lembram de um dia de caçada ou um dia de pescaria. O que aconteceu? Por que se lembram desse dia especial?*
- *Como se prepara a carne de cada um desses animais? É importante tomar algum cuidado especial? Quais são eles?*

K) OS ENCANTADOS E VISAGENS

Quando se anda pelas trilhas próximas da aldeia, pela mata ou então se navega pelos rios e igarapés, não são só pessoas e animais que se encontram no meio do caminho. São muitas as histórias de encontros com seres encantados que vivem em toda a região de Ponta Alegre. Curupira, boto, cobra-grande, cãowera e o Juma são alguns dos seres que muitos dos moradores de Ponta Alegre afirmam terem topado uma ou outra vez em suas vidas, ou então se lembram de histórias que seus parentes mais velhos contavam sobre encontra-los nas matas, rios e roças.

Os alunos responsáveis por esse tema devem procurar escutar as histórias dos moradores de Ponta Alegre sobre esses seres encantados, muitas vezes chamados de visagens, que habitam nos arredores da aldeia e no centro da mata. Em grupo devem encontrar entre os moradores da aldeia pessoas que tenham esse tipo de história para contar-lhes e podem fazer as seguintes perguntas:

- *Quais são as visagens e os encantados que conhecem?*
- *Sabem contar alguma história de alguém que já teve alguns encontros com estes seres dos rios e das florestas?*
- *Como são cada um desses seres? O que eles fazem nos encontros com as pessoas nos rios e nas matas?*
- *Esses seres são perigosos? Por quê? E o que podem fazer com as pessoas?*
- *Qual é a melhor forma de se prevenir dos problemas que esses seres podem causar às pessoas?*
- *Esses seres podem fazer coisas boas para as pessoas?*
- *Peça para que contem as histórias que conhecem sobre cada um dos seres citados.*
- *Faça um desenho de como você imagina que estes seres são e do lugar de onde vivem.*